

A dramaturgia brasileira do século XX figura entre as formas artísticas mais contundentes de elaboração e crítica da realidade social do país. É composta por obras que acompanharam transformações e ressignificações sociais e políticas, consolidando-se como um espaço das contradições da sociedade.

Com os trabalhos apresentados nesse Dossiê, é possível compreender como o teatro produziu pensamento crítico em diferentes conjunturas históricas do Brasil, caracterizadas sobretudo por autoritarismos e projetos excludentes de nação. Além disso, a edição temática leva à leitura de que, ao longo do século, o teatro brasileiro figurou os impasses e as contradições que continuam estruturando o país.

Também é possível afirmar, a partir desse conjunto de estudos, que a dramaturgia brasileira pode até ter operado como um mecanismo de desnaturalização, capaz de produzir consciência crítica fundamentalmente sobre as relações de poder e dominação do seu presente histórico.

Em decorrência disso, esse número temático contribui ao debate sobre essa dramaturgia em sua complexidade cultural e histórica. A partir de perspectivas diversas, os textos aqui reunidos leem o teatro brasileiro do século XX como imaginários sociais que disputaram o lugar da arte em meio a crises políticas e sociais. Em um século em que a nação ainda se consolidava sob profundas desigualdades e em que se multiplicaram formas de simplificações ideológicas e ataques à cultura, esse dossiê faz emergir uma memória que reconhece a dramaturgia como força crítica indispensável à historiografia teatral brasileira.

Abrindo o dossiê, temos o **Relato de experiência** “Mulhe[res] e dramaturgia”, da dramaturga e Profª. Drª. Marici Salomão, da SP Escola de Teatro, de São Paulo, que aloca a dramaturgia brasileira sob a chave da invisibilidade histórica das dramaturgas, evidenciando como cânone e crítica produziram um regime de silenciamento estrutural às mulheres autoras. Ao articular memória pessoal, historiografia e teoria feminista, seu relato de experiência como dramaturga e professora de dramaturgia de longa data

reconstrói a presença dessas mulheres como força estética e política, capaz de reorganizar o que se entende por *teatro brasileiro* e por sua própria modernização.

A seção **Artigos** começa com “Uma abordagem filosófica do teatro de Nelson Rodrigues”, da Profª. Drª. Ana Portich. A pesquisadora desloca a leitura consagrada de Nelson Rodrigues [1912-1980], tida como início do modernismo no teatro brasileiro, para mostrar que sua dramaturgia, à luz de György Lukács, Peter Szondi e Raymond Williams, figuram a crise e a retração do drama moderno, não a sua consolidação. Portich reconstrói o lugar histórico desse dramaturgo como expressão de um conflito entre limites estruturais do drama e transformações da sociedade que o produz.

O Prof. Dr. Leandro de Souza Almeida e a Profª. Drª. Valéria Andrade apresentam o artigo “Das travessias, o travesso: refigurações utópicas do pícaro ibérico do século XVI em cordéis dramatúrgicos de Lourdes Ramalho”, no qual examinam como a dramaturga Lourdes Ramalho [1923-2019] redesenha figuras populares do pícaro ibérico, Malasartes e João Grilo, no cordel dramatúrgico, considerando suas travessuras como estratégia narrativa de enfrentamento das desigualdades sociais e de afirmação de uma racionalidade popular coletiva. O artigo evidencia a dialética entre tradição e reinvenção, em que a cultura popular nordestina incorpora a herança europeia e a reorienta para uma imaginação utópica de caráter ecossociopolítico.

Com o artigo “Dilacerar – compreensões da violência dramatúrgica de Plínio Marcos em um processo de encenação”, o ator e professor Guilherme Natan de Jesus Mergulhão e a Profª. Drª. Virginia Maria Schabbach investigam a remontagem contemporânea da peça *Navalha na carne*, problematizando a violência como princípio estruturante da dramaturgia do autor e como chave de leitura dos processos de adaptação e criação cênica. O artigo desloca a violência de uma leitura meramente temática para compreendê-la como impulso dramatúrgico. Sendo assim, os autores mostram como essa obra de Plínio Marcos [1935-1999] exige da cena contemporânea escolhas estéticas que não atenuem sua aspereza, mas que a reinscrevam criticamente no presente.

Na sequência, o artigo “Fábula e a escrita de si em *A verdadeira estória de Jesus*, de W. J. Solha – um caso notável na dramaturgia paraibana recente”, do Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel e do bolsista CNPq Mateus de Siqueira Pereira, analisa uma obra ainda pouco conhecida da dramaturgia brasileira, ao situá-la como divisor de águas na cena teatral paraibana dos anos 1980. Ao investigar a peça *A verdadeira estória de Jesus*, os

autores mostram como Solha [1941-] rompe a forma dramática tradicional ao articular a noção de *estória* como procedimento formal. Os autores também contextualizam a obra no período da ditadura e nas transformações estéticas do teatro paraibano, deixando claro que a dramaturgia de Solha opera um deslocamento crítico em relação às tendências regionalistas então dominantes e, assim, destacando-se pela experimentação formal e disputa de sentidos sobre memória e identidade. Esse procedimento reforça a relevância do artigo como estudo de dramaturgia produzida fora dos centros hegemônicos do país.

Nesse horizonte de revisão historiográfica, o artigo “A construção social do medo e a repressão à homossexualidade no Brasil, a partir da peça *Nosso filho vai ser mãe*, de Walmir Ayala”, do Prof. Me. David Medeiros Neves, recupera essa peça pouco conhecida de Walmir Ayala [1933-1991], para discutir como a dramaturgia brasileira já formulava, em plena ditadura civil-militar [1964-1985], um teatro estruturado pela produção social do medo e pela repressão à homossexualidade. Ao articular apagamento crítico e violência pública, o estudo reposiciona Ayala no cânone, como peça-chave para compreender a política sexual do período e seus efeitos duradouros na cultura teatral.

Em “A dialética de *Gota d’água* – o conflito entre Joana e Creonte como dialética entre a sabedoria encantada popular e o modo de produção capitalista financeirizado”, o Prof. Me. Matheus Chatack Dias propõe uma leitura que foca a peça de Chico Buarque [1944-] e Paulo Pontes [1940-1976] no embate entre Joana e Creonte como núcleo trágico e político da obra. Ao desenvolver uma metodologia fundada em dois movimentos dialéticos, o conflito interno da obra e sua articulação com a realidade social, o artigo amplia o debate crítico em torno de *Gota d’água* e reafirma a potência da tragédia como forma capaz de tornar visíveis as contradições históricas do Brasil urbano do século XX.

No artigo “Consciência teatral: elemento constituinte da modernização do teatro brasileiro na crítica de Sábato Magaldi”, o bolsista CNPq Mário Xavier Lucas e a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elen de Medeiros reconstruem a ideia de consciência teatral como uma categoria decisiva para compreender a modernização do teatro brasileiro como processo histórico, moldado por disputas estéticas e por transformações sociopolíticas do século XX. Os autores mapeiam críticas e formulações do crítico e historiador e, então, demonstram que esse conceito implica a articulação de dramaturgia, encenação, cenografia e recepção, em diálogo com o modernismo de 1922 e com debates internacionais que influenciaram projetos teatrais nacionais. A análise faz leituras de trabalhos de Magaldi [1927-2016] e

Décio de Almeida Prado [1917-2000] para ler a dramaturgia de Oswald de Andrade [1890-1954] e Nelson Rodrigues como consolidação do teatro moderno no Brasil, já que incorporam conflitos nacionais, desigualdades, formas de violência e contradições de classe.

Na seção **Peças em domínio público**, dois trabalhos discutem também a retomada crítica do repertório silenciado da historiografia dramatúrgica brasileira. A primeira, com a apresentação “Entre o riso e a subversão: atualidade de *O patinho torto ou Os mistérios do sexo*, de Coelho Neto”, do Prof. Dr. Luiz Campos, que revisita a peça de Coelho Neto [1864-1934], publicada em 1924. O autor demonstra como uma comédia de costumes de mais de 100 anos converteu um fato jornalístico em matéria dramatúrgica, capaz de expor e questionar as normas de gênero, o casamento compulsório feminino e as fronteiras sociais da sexualidade.

Em continuidade a esse bloco, a introdução crítica da Profª. Drª. Larissa de Oliveira Neves, “*A casa fechada*, de Roberto Gomes”, evidencia esse dramaturgo sob forte diálogo com o simbolismo de Maurice Maeterlinck, pelo fato de deslocar a ação para fora de cena e fazer da casa um dispositivo de opacidade social. Ao concentrar o drama na fala moralista, ressentida e voyeurística, o estudo mostra que a violência contra a protagonista feminina se organiza como julgamento coletivo, revelando uma dramaturgia em que o cotidiano provinciano se converte em máquina de punição patriarcal.

Ao aproximar obras consagradas e textos menos frequentados pela crítica e pelo público, os artigos dessa edição temática recolocam em perspectiva os modos pelos quais o teatro formalizou conflitos ligados à classe, ao gênero e às contradições sociais.

Espera-se, assim, que essa coletânea de estudos contribua para uma leitura da dramaturgia brasileira em suas dimensões estética e política, fortalecendo pesquisas que a compreendam como linguagem histórica e como pensamento social.

Prof. Dr. Luiz Campos [Unirio]

Prof. Dr. Luis Marcio Arnaut de Toledo [USP]

Agradecemos especialmente à Profª. Drª. Esther Marinho Santana, pela valiosa contribuição como editora-assistente na seção Peças em domínio público.